

Proporcionalidade – Antônio Alves (Toninho)

Esta proposta faz parte do DNA da entidade. Desde o tempo da ASSUC, em 1990 a oposição ganhou a direção da Associação com a montagem de uma chapa proporcional, aprovada em uma convenção (prévia). Já o sindicato viveu esta experiência nas urnas no final da década de 90, onde concorrerão cinco chapas. Infelizmente, a incompreensão do significado desta política por parte da corrente majoritária do STU á época (Alerta), impediu que avançássemos neste modelo sindical e aperfeiçoássemos para um sindicato em que as diferenças políticas não impedissem de caminharmos lado a lado na defesa dos direitos dos trabalhadores.

AFINAL O QUE É PROPORCIONALIDADE DIRETA NA BASE - PDB?

É uma forma de organização sindical, onde todas as correntes políticas de pensamento reconhecidos na categoria irão compor, de forma proporcional ao número de votos obtida em uma eleição, única e plural. É considerada a forma mais democrática de escolha das direções. Existem correntes políticas que defendem a proporcionalidade qualificada na base. Isto coloca uma linha de corte e quem não a atinge fica de fora da direção. Entendemos que esta proposta exclui grupos que tem contribuição histórica e que pode ser importante na direção da entidade.

A proporcionalidade não pode ser o limitante para a construção da luta, o Sindicato deve ser um **FRENTE DE TRABALHADORES** e não uma correia de transmissão de um partido ou o centralismo de um grupo.

XI CONGRESSO RETOMA A PROPORCIONALIDADE

A proporcionalidade direta na base é decisão do ultimo Congresso dos Trabalhadores da UNICAMP e defendemos que ela seja referendada neste Congresso. Aplicar a proporcionalidade é uma forma de garantir a representação democrática dos trabalhadores da Unicamp dentro da instancia que os representa, sua implementação tem que ocorrer, na próxima e eleição da direção do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp. Este é um caminho para estabelecer o equilíbrio dentro da direção do Sindicato, não tendo como principal objetivo a disputa política pelo poder, mas sim a defesa de todos os trabalhadores da Unicamp. Precisamos colocá-la em pratica desde já, estabelecendo um dialogo franco com os grupos que representam os trabalhadores e as entidades desta universidade, tendo como principal objetivo a Democracia em todos os setores e instancias desta universidade. Essa decisão é imprescindível na construção da Democracia de fato não só na representação da base dos trabalhadores da Unicamp no sindicato, como também, criando condições para discutir com a Comunidade Universitária (Docentes, Discentes e Sociedade) a defesa da Universidade Pública Gratuita e de Qualidade.

AREA DE SAÚDE

Não há novidade nas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores na área de saúde. Problemas que vão desde questões salariais, condições de trabalho, assédio moral, acúmulos de tarefas, dupla/ tripla jornada de trabalho e doenças ocupacionais. Tudo isso é gerado devido às mudanças lentas, porem gradativas que ocorrerão ao longo dos

últimos anos na área de saúde. A sua implementação foi quase que imperceptível aos olhos dos trabalhadores. Com as novas ferramentas de trabalho, mudaram a dinâmica de funcionamento, as relações pessoais devido à sobrecarga de trabalho, o ambiente devido a reformas para expansão do atendimento pública e a política sobre a visão da concepção de um hospital universitário. Isto se deve a postura de seguidas administrações de superintendentes que buscaram barrar a organização dos trabalhadores naquela área. Boicotam e fingem não saber o que ocorre e assim colocam em risco os trabalhadores e os pacientes. Desde a autonomia esses gestores trabalham para construção própria e fisiológica, porque não mais dependem do repasse do governo do estado para realizar suas atividades, pelo contrário administram as verbas próprias. Também, a partir da superintendência buscam posições de destaque na universidade, trampolim para algum cargo em secretarias da saúde federal, estadual ou municipal. Durante este período desencadearam a política da criação da Fundação da Área de Saúde – FASE, consolidada na gestão de Fernando Costa. O sindicato neste último período não conseguiu avançar na organização dos companheiros da área de saúde, a dificuldade de instalar uma subsede, intransigência por parte da superintendência nas negociações que seguia a mesma política de Fernando Costa, e a dinâmica foram alguns problemas enfrentados pelo STU. Precisamos mudar este quadro, é necessário que o sindicato se faça presente na área de saúde de pautando as políticas que possam fortalecer as reivindicações. Definir uma política de organização por local de trabalho e influenciar na eleição para superintendente e diretor do CAISM e da FCM que ocorrem no ano que vem construindo uma plataforma política nos moldes o que foi a consulta para reitor. Defendemos para este setor:

- Criação de plenárias permanentes mensais na área de saúde;
- *Criação de um CR da área de saúde;*
- Participar de forma política, construindo uma plataforma de reivindicação e debates no processo de escolha do superintendente do HC; diretor do Caism; FCM.
- Instalação imediata da subsede do STU no HC ou nas imediações da área de saúde.
- Realização de seminários permanentes sobre o assédio moral;